

A ARTE COMO UMA POSSIBILIDADE ORIGINAL DE DESVELAMENTO DO SER

Luciano Martins Barbosa*

Resumo: Este artigo busca refletir sobre a técnica e suas implicações sobre o homem contemporâneo, o qual na visão de Heidegger fez com que o homem afastasse do ser, o pensador alerta que precisamos desprender desse pensamento ordenador em busca de um mais original, porque enquanto estivermos norteados por esses tecnicismos, seremos sempre condicionados a definir os objetos no mundo pela serventia e não pelo que de fato eles são, então precisamos desvencilhar das amarras dos logicismos para compreendermos o que verdadeiramente é o ser e um dos meios para isso é a arte.

Palavras-chave: Técnica. Ser. Ente. Pensamento. Arte.

ART AS AN ORIGINAL POSSIBILITY OF UNVEILING THE BEING

Abstract: This article reflects on the technique and its implications on contemporary man, which in Heidegger's view has caused man to move away from being, the thinker warns that we need to detach from this thought ordering in search of a more original, because as long as we are guided by these technicalities, we will always be conditioned to define the objects in the world by service and not by what they actually are, then we need to get rid of the tying of logicisms to understand what being is really and one of the means for this is art.

Keywords: Technical. Be. Ente. Thought. Art.

Introdução: Por que estudar Heidegger, hoje?

Antes de respondermos essa problemática, entendemos que o pensamento heideggeriano continua muito vivo e instigante, levando nossas reflexões para além do habitual, do comum. Isso já é condição mais do que suficiente para estudarmos sua filosofia, pois convida-nos a pensar o que ainda não pensamos. No entanto, ele ajuda a refletirmos também sobre a condição do homem frente à técnica, e o que ela desencadeou na sociedade contemporânea, mas antes de enveredarmos por esse caminho é necessário situar o leitor por entre esse panorama árido que é a filosofia

* Graduado em Filosofia pela UFMT. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea. PPGECCO-UFMT. E-mail: literaturamartins@yahoo.com.br.

heideggeriana. Refletiremos sobre um texto intitulado “*A Questão da Técnica*”. Nessa obra, o filósofo nos provoca para pensarmos de uma maneira diferente, isto é, a meditarmos por um viés que não fosse mais guiado pela técnica, que normalmente fazemos para fugir desse convencionalismo do pensar, ele busca avivar a reflexão através de um modo não padronizado de meditar, mas como fazer isso? Qual seria essa maneira? Isso mostraremos ao longo do texto. O que elucidaremos aos leitores é apontar outros caminhos para se entender o mundo, e com isso afastaremos as amarras tecnicistas, as quais norteiam os homens a pensarem de uma única maneira, ou seja, fundamentada por uma linguagem marcada pelo rigor de uma racionalidade escalonada dentro de um escopo matemático que aprisiona sentidos e determina funções. Diante disso, surge a arte como possibilidade para fugirmos desse tecnicismo e reinventarmos outra maneira de ser no mundo.

Crítica heideggeriana ao pensamento técnico

O pensador alerta sobre um aprisionamento conceitual feito pela lógica, nessa perspectiva entendemos que essa inflexibilidade no modo de pensar é instaurada quando o homem enxerga o mundo inscrito apenas de uma única maneira a do pensamento técnico o que implica dizermos que a essência dos objetos, isto é, o que realmente são é configurada dentro de um escopo lógico racional, levando o entendimento da realidade para uma lógica utilitarista, a qual desvia o homem de uma compreensão, a qual espelha a essencialidade dos objetos. Nesse sentido, as coisas do mundo são indexadas com valores, com funções de utilidade, demarcando com isso uma identidade de funcionalidade que implica no encerramento de outras possibilidades de ser, de existir, desses objetos. Isso leva o homem a imbricar dentro de um pensamento representacional técnico e esse pensamento ordenador deixa o homem subserviente e escravo de uma única maneira de pensar, viver, isto é, desse modo de ser do homem contemporâneo, o qual está ligado aos tecnicismos, de tal maneira que viramos seres técnicos e a partir daí, utilizamos essa lógica e a estendemos ao máximo, aplicando-a para conhecermos os objetos e defini-los, entendermos e conhecermos o mundo a nossa volta, dentre tantas outras coisas.

Chegamos a um ponto que não sabemos agir se não for de maneira técnica e ordenada, elegemos uma maneira de esquadrihar o mundo e esquecemos que também existem outras, esse padrão lógico tecnicista desviou as outras possibilidades de

existência do ser. Dizendo isso de outra maneira, a técnica condicionou os homens a olharem as coisas apenas de um jeito, o que nos levou a estruturar as coisas apenas por um viés, extinguindo as outras possibilidades de entendimento, de existência. Nesse sentido, um objeto deixa de significar o que é de fato, passando a ser outra coisa, muitas vezes assumindo uma identidade que nós atribuímos a eles. Por exemplo, o carvão que restringe seu uso para a reserva de energia, de vapor, implica em perder seu caráter de carvão, sendo condicionado seu uso apenas para a eletricidade. Alertamos ao leitor que o pensamento lógico não pode ser o único a permanecer no mundo, pois ele não consegue ter acesso ao ser, e não tendo acesso ao ser, nunca chegaremos a conhecer o que é um objeto na sua autenticidade. Sendo assim, ficaríamos presos aos conceitos falsos, alicerçados na instrumentalidade e no uso que esse objeto presta ao mundo. Heidegger conceitua instrumento (*Zeug*) na sua obra *Ser e tempo*, entendemos que tal conceito é importantíssimo na relação que se dá entre o ser-aí com seu dia a dia costumeiro, no desempenho da função que essas coisas adquirem no mundo, através da instrumentalidade. Mas, afinal, o que é instrumento na filosofia heideggeriana?

O ser-aí entende o mundo de forma pragmática e instrumental, isso significa que ao entendê-lo dessa maneira implica em tomar as coisas como objetos presos à lógica da instrumentalidade que só tem sentido quando são empregados na feitura de algo, sendo assim, o ser-aí usa desse artifício para conhecer as coisas do mundo, assim, através desse revelar do ser que se dá no cotidiano da vida do ser-aí. A ideia fundamental para entendermos essa instrumentalidade (*Zeughaftigkeit*) se faz quando tomamos “coisa” como instrumento em *Ser e tempo*. Pois bem, o significado que elas assumem em seu vir-a-presença no nosso mundo está sempre alicerçado nas nossas funcionalidades, demandas e projetos do dia a dia, ou seja, nas nossas necessidades diárias, na utilidade que elas têm para nós. “Ao ser de instrumento pertence sempre cada vez um todo-instrumental, no qual esse instrumento pode ser o que ele é” (HEIDEGGER, 2012, p. 211). O que estamos dizendo é que, o instrumento não é algo que represente algum aspecto da sua totalidade, realidade e sim algo ligado a serventia do dia a dia do ser-aí, o qual faz referência a uma teia de significações em torno da serventia que apresenta o mundo cotidianamente a nós. Lembrando aos leitores, que o instrumento ele somente é quando existe uma relação dele com outra coisa. Nesse sentido, por exemplo, quando um martelo é um martelo? Ele só é martelo quando não existir uma relação, quando não for ligado a outro ente, nesse caso ele é martelo (objeto). Agora, quando existir essa relação dele com outra coisa na vida do ser-aí, acontece uma abertura desses entes,

começam desvelar parte do que são, é na utilidade que a clareira do ser de cada instrumento se mostra, mas a realização, a abertura do ser acontece quando o objeto não está mais indexado nas funcionalidades a ele instituída no mundo.

E qual é a problemática em instituímos funcionalidades aos objetos? Ela está quando o homem reduz a compreensão sobre esses instrumentos, pois ficam presos apenas na instrumentalidade que esses objetos adquiriram no mundo, isto é, o homem busca fechar seu sentido em um conceito, mas o problema é que ao indexá-lo com uma definição perde-se o ser e aparece o ente. O perigo está, quando o homem afasta do ser e conseqüentemente aproxima cada vez mais do que é instrumental, técnico, implicando em limitar a sua capacidade de compreensão das coisas, apenas pela medida do cálculo. O cálculo (*das Rechnen*), de certa maneira ele altera a maneira de conhecermos as coisas do mundo (entes), os quais transformados em objetos. Afinal, como podemos entender o conceito de cálculo em Heidegger?

Não se deve entender o cálculo em sentido restrito de se operar com números. Em sentido essencial e amplo, calcular significa contar com alguma coisa, levá-la em consideração e observá-la, ter expectativas, esperar dela alguma outra coisa. (HEIDEGGER, 2018, p. 50).

Nesse sentido, todo pensamento reduzido a um resultado, a uma hipótese e conduzido na busca por domínio e controle de variáveis, estamos diante de uma configuração de cálculo. Esse pensamento que estamos falando ele está inserido dessa lógica humana de controlar tudo, tais como: entes, natureza, e até a própria existência humana, sendo assim, acontece o esquecimento do pensar, da reflexão, ou seja, o esquecimento do ser. Pois, não podemos calcular, manipular o ser e nem seu sentido.

Sabemos demais e acreditamos com demasiada rapidez no que sabemos. Talvez por isso nos seja tão difícil adquirir familiaridade com uma questão nascida de uma verdadeira experiência. Para que isso aconteça, é preciso espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada. (HEIDEGGER, 2001, p. 228-229).

Heidegger pontua que essa relação com os objetos alicerçada no pragmatismo, na serventia do uso, em uma finalidade específica, sendo assim, tudo aquilo que pode servir para alguma coisa já possui caráter de instrumento, isto é, já está marcado pela característica da instrumentalidade, isso nos leva a ter com o mundo uma relação estritamente pragmática. “A utilização é por conseguinte, mais natural para o *Dasein* do que a contemplação” (PASQUA, 1993, p. 47). A nossa existência está mais acostumada com o uso, do que com a reflexão, não queremos, aqui, defender um banimento da

técnica frente ao homem, alertamos que a técnica tem que ser entendida como uma maneira de entendimento do mundo, mas não pode ser a única possibilidade de compreensão dele. De acordo com Heidegger, devemos ter um pensamento original para conhecermos as coisas, e como fazemos isso? O que fazer para conhecer a essência de uma coisa? Será que poderemos dizer que só conheceremos esse algo se abandonarmos essa lógica que guia e direciona o pensamento e, assim, teremos acesso à essência de algo? A resposta é sim, de acordo com a filosofia heideggeriana é isso que devemos fazer, quando essa maneira de pensar ordenada é colocada de lado, poderemos ter uma relação mais próxima e mais livre com o ser. Por isso, Heidegger volta aos pré-socráticos, para entender qual a relação que esses filósofos tinham da ideia de *techné*, para eles a *techné* é *poiésis*, ou seja, ela é criação. A palavra *techné* grega expressa dois conceitos, tais como: arte e técnica. (HEIDEGGER, 2001, p. 36) em *A questão da técnica* (1953), diz: “Outrora, não apenas a técnica trazia o nome *techné*. Outrora, chamava-se também de *techné* o descobrimento que levava a verdade a fulgurar em seu próprio brilho. Outrora, chama-se também *techné* a produção da verdade na beleza. *Techné* designará também a *poiésis* das belas-artes”. A arte oferece-nos uma possibilidade mais original de desvelamento do ser do que a técnica moderna, essa faz com que a originalidade do ser fique prejudicada, pois está ligada ao controle, ao domínio, a certeza. Corroborando conosco Duarte, diz: “A verdade enquanto clareira do desvelamento tende a manifestar-se por meio da arte na medida em que ali onde há obra, isto é, onde há criação, vem a ser um ente determinado que põe e sustenta o aberto no qual todos os demais entes podem aparecer como desencobertos, garantindo-se a permanência e a vigência de uma dada abertura”. (DUARTE, 2008, p. 08). A obra de arte refere-se ao inabitual, ela promove outras maneiras de entendermos o mundo, outras significações, ela proporciona algo diferente, novo. Heidegger diz na origem da obra de arte, que a essência da obra de arte é a poesia (*Dichtung*), isso porque poesia deriva de *poiésis* (produção). A poesia, o poeta, é o que tem mais possibilidade de revelar o ser pela palavra.

Elucidando ao leitor para uma melhor compreensão sobre a temática da técnica pensada em termos heideggerianos, não diz respeito àquela que envolve agenciamentos tecnológicos, então, não faz sentido falar em aparatos tecnológicos, ele dá uma nova maneira de entendermos a técnica, pois a técnica é uma coisa e a sua essência é outra, é por esse viés que move a sua reflexão. Ele alerta que devemos pensar e refletir sobre a essência da técnica, não se pode pensar a técnica de maneira comum e usual, pois ela

não é um meio para um fim, ela não é um instrumento, pois se ficarmos presos nessa ideia que a técnica é um instrumento não chegaremos muito longe para pensarmos além da maneira técnica de conhecer, assim, não chegaremos a compreendê-la de fato, pois não teremos acesso à verdade do ser, a sua essência.

A arte como possibilidade original de desvelamento do ser

O filósofo entende que o pensamento técnico tem como característica fundamental delimitar a reflexão, com isso não há liberdade para um pensamento mais livre e criativo, para obtermos isso precisamos descolar o pensar das amarras tecnicistas que nos prendem na determinação do que são os objetos. Sendo assim, eles não serão mais reduzidos em explicações absolutas e conseqüentemente utilizaremos outras possibilidades de desvelamento do ser, pois para o pensamento heideggeriano o homem precisa buscar uma forma mais meditativa e menos racional de entendimento do ser, e o caminho para isso está no meditar, esse como uma forma original de significar o mundo e quando se faz isso volta-se para o ser através de uma maneira mais criativa e livre, tais como: a poesia, a arte, dentre outros. Percebe-se com isso que para o filósofo a forma calculista aprisiona o pensar humano, cerceia o ser, fecha se as outras possibilidades de o ser revelar-se ao homem. Então, a arte de uma maneira geral nos contempla com outras possibilidades de compreensão do ser fugindo da lógica racional. E, em *Serenidade*, (Heidegger, 1955, p. 13-14).

Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*das Nachdenken*) que medita. [...] Um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem que saber aguardar que a semente desponte e amadureça.

Como falamos esse pensamento reflexivo não é padronizado em representações, ele não visa controlar, dominar ele é espera, mas também é esforço para chegar até o conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, temos como arcabouço desse pensamento que medita, a escultura, a poesia, a pintura, elas nos levam a outras paragens, a sensações não sentidas, direciona-nos ao desconhecido, ao incomum, mas afinal qual a importância disso para acessarmos o ser? É através desse processo de estranhamento que a arte desvela parte do ser, é nesse espaço de abertura que a arte revela parte do ser,

isto é, o lugar onde os objetos mostram o que são de fato. Quando isso ocorre, falamos que os entes são retirados de seus contextos, dos seus territórios, ou seja, é o momento em que acontece o desempregar das funções que atribuímos a eles, isto é, do sentido que empregamos a eles de acordo com a empregabilidade que adquirem no mundo. Quando são descolados dessa utilidade que adquirem no mundo, implica no aparecimento de novos sentidos e a arte é esse espaço de abertura do ser. Ela (a arte) tem a possibilidade de ocasionar, de desvelar parte do ser, mas para isso se dar implica no afastamento das significações que foram indexadas dentro da lógica da serventia que falamos a pouco, a qual não mostra o que é um ente.

A originalidade da arte está no desocultar parte do ser, isto é, a partir dela esses entes são desvelados não sendo mais utensílios, presos a uma funcionalidade, saem desse ciclo, dessa lógica onde nós os enquadramos e estipulamos dentro de um quadro de funções que assumem no mundo, no romper dessa fronteira da usualidade e da serventia mostram o que são de fato, e a partir daí, esse caráter de marcar e conhecer uma coisa pelo emprego que se faz dela, perde sentido, pois agora ela mostra o que é, não pela sua empregabilidade no mundo, mas sob outras formas, não mais como ente, e sim, como ser. Então, a importância da arte está nesse espaço de abertura, quando ela coloca os entes sob novas possibilidades, não fixando suas identidades, não demarcando uma função, e assim o ser é desvelado, mas o ser não é desvelado totalmente, e sim parte dele, isto é, conheceremos apenas parte do ser a qual mostra-se nos entes e a arte contribui nesse processo, mostrando novas perspectivas, sob um novo viés que até então estava impensado e invisível nos entes, as outras maneiras de ser desses entes. Afinal, o que é ente? Ente, é tudo aquilo que é, mas o ser não se pode determinar. Ou seja, quando pretendemos nomear o ser, dizendo que ele é algo, nesse caso, o que queremos fazer é substancializar o ser, e ele não aceita essas determinações. Diz (HEIDEGGER, 1927, p. 44). “Ser é sempre ser de um ente”. Entendemos que os entes são aberturas para termos acesso ao ser, isto é, o ser só se abre para nós através dos entes no dia a dia humano, quando eles assumem funções no mundo, nessas teias de relações que o ente mostra parte do ser, desvela parte do ser.

Alertamos que tanto a técnica como a arte apresentam sentidos para as coisas, a diferença é que no desvelamento de um objeto pela obra de arte seu sentido é conservado, isto é, ela nos traz a originalidade dos objetos. Já, a técnica altera e muda o sentido dele, não estamos dizendo que precisa existir um banimento da técnica por ela distorcer a compreensão que podemos ter das coisas, a problemática está em tomar esse

desvelamento desse modo técnico, como uma única maneira de compreensão que norteará o homem. Por isso, a arte entra com uma nova possibilidade de desvelar o sentido originário das coisas, pois nesse panorama onde a arte guia o desvelar do ser dos entes não há uma configuração lógica de indexação do pensamento humano, para entendimento das coisas de maneira puramente racional.

No sistema da organização total realizado pelo sujeito, tudo ocupa agora um lugar bem definido e é um lugar que coincide totalmente com a função instrumental que a coisa reveste em tal sistema. Ora bem, a mentalidade corrente é justamente aquela que conhece a coisa apenas no que esta tem de funcional, na sua instrumentalidade; o conhecimento que dela tem a mentalidade comum, o (se) inautêntico, converte-se também, até certo ponto, no único conhecimento adequado. (VATIMO, 1989, p.100-101).

Reforçando esse viés da arte como reveladora e mantenedora do sentido original dos objetos, a citação mostra a funcionalidade que os entes adquirem no mundo, devido a isso distanciam, afastam do que verdadeiramente são, isso é, de sua originalidade, e a partir disso, esses entes serão conhecidos através das relações com outros entes e com sua empregabilidade no mundo, os quais cumprem funções que determinarão o que são, mas o que são de fato isso é ocultado, o ser não se mostra por esse pensamento que julgamos ser o único correto e adequado para o desvelamento do ser dos entes, as instrumentalidades não conseguem acessar o sentido original dos objetos. O que estamos dizendo, é que o desencobrir do ser pela maneira técnico racional é pouco original, diferentemente da maneira poética que o desvelar do ser se faz pelo espelhamento do sentido, pois aí o ser mostra parte dele em um jogo de velar e desvelar. Outro ponto que faz a obra de arte fundamental nesse processo é que ela não apresenta uma cadeia de instrumentos de elos causais que vão ligando uma coisa na outra, a não ser a ela mesma, é por isso que a arte apresenta originalmente o ser dos objetos (entes). Como estamos dizendo, a arte tem por característica de desvelar o que está velado, de descortinar parte do ser que está encortinado, isto é, a arte faz com que o pensamento saia do comodismo habitual que limita o entendimento, ela retira o véu que encobre o ser trazendo-o a presença. “Pois bem, na obra não se trata da reprodução de cada [ente] singular existente. Muito pelo contrário, trata-se da reprodução da essência geral das coisas.” (HEIDEGGER, 2010, p.89). Lembrando ao leitor, que na cotidianidade, os objetos, as coisas não mostram sua originalidade, a sua essência, pois estão presos a funções utilitaristas, sendo empregados nos afazeres do dia a dia em funções que encobrem o que verdadeiramente eles são.

A técnica e o desvelamento do ser

Como demonstramos ao longo do artigo, enxergamos o mundo a partir da ordenação lógica tecnicista e tudo que não segue essa estrutura racional parece que fica sem sentido aos nossos olhos, pois fomos condicionados a enxergarmos os objetos pelo uso que fazemos deles, e a partir daí tendemos a buscar apenas explicações racionais, sobre o sentido de um objeto, ou seja, por uma definição indexada na localização do espaço-temporal desses objetos e acreditamos apenas nessa possibilidade, e a ciência é o baluarte dessa representação objetiva do mundo com um pensar guiado por uma reflexão através do cálculo, e isso para Heidegger leva-nos ao esquecimento do ser. A ciência tem como aplicação prática o método, o cálculo, o instrumento, tudo isso está em voga na contemporaneidade isso nos leva ao entendimento do esquadramento do mundo pela ciência, através dessa lógica objetivista, a qual estimula a pensarmos somente dessa maneira, lembrando aos leitores que a ciência é esse elo de conexão entre o homem e o mundo. Para aproximarmos dos entes, precisamos voltar ao pensamento meditativo, isto é, se colocar diante do ente sem estar preso às amarras do cálculo, a fim de buscar essa abertura originária dos entes, e a poesia é detentora dessa capacidade de revelar o ser do ente, mas como podemos entender esse conceito empregado na filosofia heideggeriana? A citação abaixo corrobora com o que estamos dizendo: (FOLTZ, 2000, p. 70). “A poesia não é aqui retratada em termos de verso, rima ou métrica, nem nada de literário. Ao contrário, representa uma possibilidade fundamental do *Dasein* enquanto tal. (...) [É] de facto através do poético que a natureza primordial é encontrada da forma mais completa”.

Ponto importante também que entra como pano de fundo dessa investigação sobre a técnica está na existência angustiante do homem contemporâneo, lembrando que não é nossa pretensão discorrer de maneira pormenorizada essa temática, apenas de apontar também que o ser-aí, através de uma vida estruturada na serventia dos objetos, remetendo a uma cadeia organizacional de utilidade que não tem fim, leva esse homem a sentir falta de significados verdadeiros para a própria vida, e ela (a vida) vai se estruturando como se fosse uma grande cadeia de objetos ligando um ao outro pela utilidade que cada um assume e no final não há um sentido que sustente a compreensão da existência, da vida do ser-aí. Para Heidegger “a angústia revela o ser para o poder ser mais próprio, ou seja, o ser livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo” (HEIDEGGER, 1986, p. 252). Essa citação mostra que através da angústia o ser-aí abre

uma possibilidade de escolher a sua própria existência, através de um poder ser autêntico, original não mais preso à determinação de uma cultura ou de uma tradição, a qual leva esse homem a compartilhar humores de acordo com o ambiente no qual vivemos, pois, esse ambiente é um mundo técnico, marcado pela produtividade, tendo forte influência em nossas ações, escolhas e sensações.

Na visão heideggeriana a angústia é fundamental para o ser-aí, pois é por ela que o *Dasein* toma consciência de si mesmo, de que está lançado no mundo, sem segurança, frente a tarefa de tornar-ser de um modo mais próprio, frente a uma construção mais original. Então, o homem sente-se angustiado frente a um vazio imenso de insignificâncias, pois nas redes de referências de objetos, os elos de serventia dos instrumentos perdem-se, tornam-se insuficientes frente a existência desse indivíduo e com isso, toma consciência que a vida rotineira, habitual e padronizada de conceitos moldados em uma serventia da prática e de uso são fracos e vazios, mostrando a vulnerabilidade de uma existência sem sentido. Então, as pessoas tentam encontrar uma linha de fuga para essa angústia, em cirurgias plásticas, nas indústrias farmacológicas, ou no consumo de produtos atraídos pela felicidade e pelo prazer que a indústrias publicitárias prometem. Mas mesmo, depois de tudo isso, o vazio continua, pois, o *Dasein* está tão voltado para os entes, e para o uso dos objetos, para a instrumentalidade deles, esquecendo de refletir sobre seu próprio ser, para suas possibilidades existenciais, pois na racionalização do pensamento as coisas do mundo são pensadas e nesse viés, esse existente humano conhece as coisas só pelo pensamento tecnificado do ser-aí, o que implica em um afastamento ainda mais acentuado de si mesmo, em um distanciamento do ser, e com isso acontece o empobrecimento do pensamento, já que está preso e fixo, levando o não desvelamento do ente, esse só aparece pelo meditar, colocar-se diante dele, sem a pretensão de amarrar seu sentido através do entendimento da ciência.

Heidegger considera que a técnica, em sua essência original, não é um perigo, e sim somente é perigoso o ofuscamento e a cegueira provocados pela atenção exclusiva à determinação instrumental da técnica moderna [...] o perigo não é visível, não está nas máquinas, todavia, no sistema de pensamento que as alicerça. (WERLE, 2011, p. 107).

Na antiguidade o conceito de *Alétheia* era entendido como uma revelação, descobrimento e o desvelamento do ser era mais original. Mas, Platão desloca o sentido de conhecer pois, para ele o acesso da verdade se faz através da ideia de representação, isto é, por uma ideia que representa o objeto determinado, o que implica em um

afastamento do homem, da verdade, e dos objetos e do mundo; e com isso tomamos o pensamento racional com a única possibilidade de percepção, o qual pode figurar o mundo. Já na modernidade o homem entende que o conhecer se dá com o sujeito que conhece, não há uma procura da verdade, pois o homem acredita que a verdade está posta, mas é somente quando acontece alguma coisa que provoca o estranhamento desse habitual, do cotidiano, que faz esse pensamento perceber algo original e o não experimentado surge. Na cotidianidade dos afazeres do dia a dia compreendemos nossa existência, mas também pode-se perder esse elo de compreensão frente as ocupações rotineiras que impulsionam habitualmente nossas vidas, e esses referenciais de compreensão leva-nos a uma banalização da existência, pois, ela passa a ser entendida de maneira distorcida, corriqueira e sem sentido. Por exemplo, o encontro desse inabitual é argumentado com o quadro do par de sapatos, do Van Gogh. A citação abaixo corrobora como o exposto. (HEIDEGGER, 2002, p. 27). “Todas as vezes que a camponesa, já noite adentro, põe de lado, os sapatos e, estando ainda escura a madrugada, os volta logo a tomar para si, ou quando, nos dias de descanso, passa junto deles, ela sabe tudo isto sem qualquer consideração ou observação”. A tela, *Os sapatos*, da obra pintada por van Gogh, é uma janela de abertura para o ser do ente e revela o mundo da camponesa, com todos seus elementos, tais como: trabalho árduo, o suor da lida diária, o sol escaldante, o cansaço dos músculos que tremem de fadiga. Na tela há mais do que um par de sapatos e sim uma teia de significações que revela o desvelar do ser-sapato.

Considerações finais

Ao longo do texto fizemos um panorama do pensamento heideggeriano, a fim de situar o leitor e facilitar o entendimento do que propusemos discutir que é *A Questão da Técnica*, no entanto, o grande cerne de toda a problemática não é a técnica, e sim o ser. Heidegger reflete sobre a técnica, a partir da sua essência e sobre o esquecimento do ser. E com isso, evidencia o afastamento do homem do que verdadeiramente ele é, acena que ao aproximar de uma racionalidade técnica, o homem afasta ainda mais do ser.

Heidegger utiliza muito em seu pensamento filosófico termos como ocasionar, desabrigar, esses são alguns dos conceitos que com frequência permeia sua obra filosófica, entendemos que ocasionar é o vir à presença, é mostrar o que estava encoberto, já o desabrigar está relacionado com a verdade, com o descobrimento. Para o

pensador a *téchné* era para os gregos antigos o desabrigar, mas a técnica moderna não faz mais isso, ela não desabriga, ela não mostra à verdade, não há um levar a frente. (FEIJOO, 2004, p. 88).

A diferença radical entre técnica moderna e a *téchne* no sentido da tradição consiste no modo de desvelamento que cada uma delas proporciona. Na primeira, o desvelar acontece em um desafio à natureza, a realidade torna-se subsistência e o comportamento diante da natureza é a provocação. Na segunda, o comportamento frente à natureza é um deixar-acontecer, sem desabrigar e aceitando os limites do acontecer.

A técnica moderna armazena, modifica, altera, transforma e desafia, mas não ocasiona, cessou o movimento do desabrigar, é para isso que Heidegger chama à atenção para esse problema e nos conduz ao cerne da problemática que já estava em *Ser e Tempo* que é a questão do ser. Heidegger através de suas obras nos deixou um riquíssimo legado para refletirmos sobre o hoje, isto é, esse mundo pragmático e funcional, onde tudo tem que servir para alguma coisa e se não tiver serventia não tem função, pode ser descartado, com isso, o ser-aí fica preso a uma limitação lógica de uma identidade fixa, regidas por uma tradição que impõe significados petrificados pelo tempo e as outras possibilidades de ser são extirpadas, excluídas e pronto. O filósofo alerta sobre essa razão exacerbada, estamos muito racionais e funcionais, deveríamos voltar mais para a poesia, para a arte, e para a contemplação ao fazermos isso estaríamos mais livres, e não ficaríamos escravos da técnica moderna. Segundo (FEIJOO, 2010, p. 48).

A técnica moderna inicia a provocação da natureza, para dela extrair os seus recursos, inclusive os recursos da própria natureza humana. Não cuida, descuida. Não deixa que as coisas surjam a seu modo na natureza, explora-as. A provocação da natureza, por parte do homem que utiliza a técnica, consiste em consumir, acumular e comutar.

De acordo com o exposto ao longo do texto, parece que a sociedade contemporânea não está meditando, impulsionada pela instrumentalidade de uma vida amarada em projetos vazios que visam dar sentido a uma existência, tais como: o trabalho, a estética corporal, a moda, o consumo, a busca exacerbada de prazeres, dentre outros, e com isso não há mais tempo para meditar, sobre as possibilidades existências do *Dasein*. Heidegger defende a meditação como um acesso ao ser, para ter acesso até mesmo a originalidade da existência, e em contrapartida, ele opõe ao pensamento objetivo, defende a diferença e o não reducionismo do ser em ente, ele não fixa um

modelo absoluto que explica os entes; por isso se assemelha mais as aberturas do ser e as suas possibilidades de desvelamento.

A crítica de Heidegger à metafísica está na ideia desse pensamento ter proporcionado desvios de entendimento acerca do ser, pois ao definir o homem como animal racional, implica aí demarcá-lo apenas como um pensamento baseado no cálculo, em um único sistema que visa a sistematização e a compreensão das coisas do mundo. O problema está quando o homem ao definir os entes esquece o ser, e com isso deixa de lado a única possibilidade de compreensão sobre a verdade das coisas, pois afasta do pensamento meditativo, e o que resta a esse homem é a razão, a única para a compreensão do ser. Assim, tudo que o homem entende como verdade é pautada em cima de um sistema de pensamento racional, tendo essa possibilidade como a única o desvelamento do ser, esquecendo que existem outras maneiras de conhecer o mundo, que não seja apenas a lógica e o cálculo e sim, como falamos a pouco a arte, a poesia. Alerta que é só pela reflexão que fugimos das amarras lógicas e a partir daí, chegaremos até à verdade original, isto é, na essência de um objeto. Para o filósofo a arte revela o ser nos entes, e quando ela retira um objeto do seu contexto, esse objeto perde seu caráter de serventia, e a partir daí mostra o que é de fato, é nessa faceta que parte da infinitude do ser é mostrada na finitude dos entes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARALDI, Clademir L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de CASANOVA**, Marco Antônio. **Nada a caminho: Impessoalidade, niilismo, técnica na obra de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- DREYFUS, Hubert. **Being-in-the-world: a commentary on Heidegger's, Being and time, Division I**, Cambridge, MA, Mit Press, 1990.
- DUARTE, André. **Heidegger e a obra de arte como acontecimento historical-político**. In: Artfilosofia. Ouro Preto, n. 5, 2008. p. 23-24.
- FEIJOO, A. M. L. C. (2004). **A psicologia clínica: técnica e téchne**. Psicologia em Estudo, 9(1),87-93. doi: 10.1590/S1413-73722004000100011.
- FEIJOO, A. M. L. C. (2010). **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial** (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- FOGEL, Gilvan. **Da solidão Perfeita: escritos de filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FOLTZ, Bruce V. **Habitar a terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza.**

Trad.: Jorge Seixas e Sousa. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, M. **A questão da técnica. Ensaios e Conferencias.** Trad. Emmanuel Carneiro Leão e outros, Petrópolis, Vozes, 2002.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade.** Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget.

LAFONT, Cristina. **Heidegger, language and word-disclosure.** Translated by Graham Harman. Cambridge University Press, 2000.

MULHALL, Stephen. **Routledge philosophy guidebook to Heidegger and Being and time.** Londres: Taylor E Francis Group, 2005.

Nietzsche. São Paulo: In: Cadernos Nietzsche 5: 75-94. 1998.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético (Filosofia e Poesia em Heidegger).** São Paulo: Ática, 1992.

PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do Ser e tempo de Martin Heidegger.** Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre a hermenêutica.** Porto Alegre. EDIPUCRS, 1996.

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre “Ser e tempo”.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger.** Tradução de João Gama. Lisboa: Ed. 70, 1989.

WERLE, Marco Aurélio. **Heidegger e a produção técnica e artística da natureza.** Revista

Trans/Form/Ação. Marília, v.34, pp. 95-108, 2011.